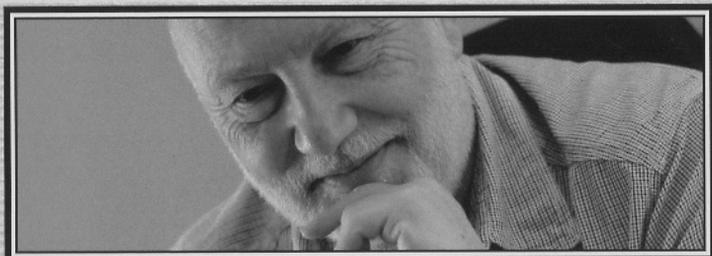


DOMENICO DE MASI



UMA SIMPLES REVOLUÇÃO

*trabalho, ócio e criatividade
— novos rumos para
uma sociedade perdida*



SEXTANTE

Título original: *Una semplice rivoluzione*
Copyright © 2016 por Rizzoli Libri S.p.A.
Copyright da tradução © 2019 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Yadyr Figueiredo
preparo de originais: Raphani Margiotta
revisão: Ana Grillo, Hermínia Totti e Luis Américo Costa
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Victor Burton
imagem de capa: Regis Filho / Valor / Agência O Globo
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M366s Masi, Domenico De
Uma simples revolução / Domenico De Masi; tradução de Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
368 p.; 16 x 23 cm.
Tradução de: *Una semplice rivoluzione*
ISBN 978-85-431-0681-6
1. Trabalho. 2. Sociedade. I. Figueiredo, Yadyr. II. Título.

18-48750

CDD: 301

CDU: 316

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

Sumário

Introdução	9
Tempo	14
Apocalipse	20
2999	23
Ondas	26
Chip.....	34
Celular.....	39
Computador	43
Network	47
Fábrica.....	50
Mercado	56
Globalização.....	62
App	69
Libertação.....	74
Revolução	81
WW	88
Reeducação.....	93
Joanesburgo	98
Hemofilia	104
Gazela.....	109
<i>Manager</i>	112
Paradoxos	115
Horas extras.....	119
Trabalho remoto	125

Neet	131
Não trabalho	134
Paraíso.....	140
Repouso	144
Grand Tour	148
Turismo.....	152
Entretenimento.....	156
Las Vegas	159
Férias	165
Ócio.....	168
Estupidez	174
Criatividade.....	177
Idiotas.....	182
Gênios	186
Equipe	188
Vale do Silício.....	194
Casual.....	198
Digitais.....	201
Família	206
Nomadismo.....	209
Informação	212
Países	215
Pólis.....	217
<i>Pulp</i>	223
Previsões.....	226
Sanremo.....	228
TV.....	232
Stakhanov	236
Limite	240

Desequilíbrios	246
Migrações	249
Cleóbulo.....	256
Retração	261
Heller.....	265
Segurança	270
<i>Welfare</i>	273
Botão	278
Política	281
Políticos.....	284
States.....	290
Terceira via	293
Agressividade	301
Certezas	307
Orla.....	310
Descaramento	313
Riqueza	316
Significado	318
Simpatia	320
Solidão	326
Desaparecimento	329
Édipo	333
Beleza	337
Estética.....	339
Design	342
<i>Iki</i>	347
Complexidade	349
Método.....	356
Simplicidade.....	362

Ócio

Em 1880, enquanto estava detido na prisão de Sainte-Pélagie, Paul Lafargue, genro de Marx, escreveu *O direito à preguiça*, um panfleto que viria a se tornar célebre. Três anos antes, porém, Lafargue publicara outro panfleto, intitulado *A religião do Capital*, em que imaginava um hilariante catecismo, compilado pelos representantes internacionais da burguesia em um congresso em Londres. Ao ser perguntado sobre seus deveres fundamentais, o assalariado deveria responder: “A minha religião ordena que eu trabalhe da infância até a morte, à luz do sol e à do gás, dia e noite, na superfície da Terra, embaixo dela e no mar, a trabalhar sempre e onde quer que seja, a inculcar nos meus filhos os sagrados princípios do trabalho.”

Em homenagem a Lafargue, no protetor de tela do meu computador há um provérbio espanhol que sintetiza o conceito de ócio: “*Hombre que trabaja pierde tiempo precioso.*”

Até o início do século XIX, as atividades intelectuais eram consideradas, em bloco, como *otia*: um invejável privilégio reservado a aristocratas e intelectuais. Em seu ensaio *A vida cotidiana dos gregos no século de Péricles*, o especialista em Grécia Robert Flacelière nos conta que, naquele tempo, os feriados eram pouco menos numerosos que os dias úteis: durante o ano, havia os festivais de Saturnália e Synokia, as grandes Panateneias, os mistérios de Elêusis, as festas em homenagem a Apolo, os ritos da semeadura, as Tesmofórias, as Apatúrias (ou festa das confrarias), a festa dos Haloà, as Falofórias em homenagem a Dioniso, as festas Gamélias e Leneias, Antestérias, Cloia, os ritos propiciatórios em homenagem a Atena, as Grandes Dionísias, a festa de Muníquia, as Targeliãs, Osofórias e Anetésias. A maior parte das celebrações compreendia competições ginásticas, concursos líricos, musicais, dramáticos e de beleza. Apenas nas Grandes Dionísias, todos os atenienses assistiam aos ditirambos e a pelo menos 15 óperas teatrais,

ouvindo, em quatro dias, cerca de 20 mil versos cantados e recitados. Não se tratava, portanto, da atribuição estressante a que são obrigados, hoje, os funcionários públicos e os diretores de empresa: tratava-se de uma reflexão alegre e coletiva, de cujo hùmus brotou uma das maiores civilizações de todos os tempos. Tratava-se de ócio elevado a arte.

Durante pelo menos cinco séculos, a partir de II a.C., a maior parte dos cidadãos romanos, em Roma e em todo o mundo então romanizado, saía de casa pelas manhãs, ia às termas e ali desenvolvia a maior parte de suas atividades, misturando o cuidado do corpo, o divertimento, o estudo e os afazeres, até o pôr do sol. Durante pelo menos cinco séculos, os romanos identificaram nas termas o seu modelo de vida e de civilização, difundindo-o por todo o mundo como máxima forma e garantia de romanização.

A vida social na Florença dos Médici e na Viena do Jugendstil* não devia ser muito diferente de Atenas e de Roma. Se é verdade que Otto Hoffman, Freud e Musil, Klimt e Mahler trabalhavam pelo menos 12 horas por dia, é verdade também que uma parte considerável dessas 12 horas transcorria nos maravilhosos *caffès liberty*, em fecundíssimas conversações interdisciplinares que um estudante da London School of Economics ou administrador recém-formado em Harvard trocaria por conversa fiada de preguiçosos.

Com o advento da sociedade industrial, o stacanovismo tornou-se uma virtude e o conceito de ócio gerou sentimento de culpa. Ao operário é lícito descansar apenas o necessário para recuperar as forças físicas esgotadas pelo trabalho. Se as suas horas de repouso excedessem essa recuperação, ele voltaria à categoria abominável dos ociosos, contra os quais os operosos nutrem um rancor surdo, atribuindo ao termo “ócio” significados estritamente depreciativos. “A ideia de que o pobre possa praticar o ócio sempre aborreceu os ricos”, disse Bertrand Russell. E, se você procurar em qualquer dicionário os sinônimos de “ócio”, encontrará pelo menos umas 40 palavras

* Estilo da juventude (al.) – Estilo decorativo no design e na arquitetura que se assemelhava à art nouveau. Popular nos países germânicos de 1896 a 1910, o *Jugendstil* foi lançado pela revista *Jugend*, de Munique. (N. do T.)

com acepções negativas: de malandragem a vagabundagem, de negligência a preguiça. E a preguiça é, antes de tudo, um dos sete pecados capitais.

Mas agora que, na sociedade industrial, a longevidade e a tecnologia multiplicam o tempo livre – enquanto a escolarização assegura níveis culturais mais elevados a uma parcela cada vez maior de cidadãos –, chegou o momento de restituir ao ócio toda a sua preciosa dignidade. Se o entretenimento é comercial, superficial e estéril, se o divertimento é imparcial, genuíno e agradável, o ócio é vital, complexo e fecundo. O ócio é uma arte. Uma arte que hoje, graças às condições atuais, poderia voltar a ser cultivada pela maior parte da população ativa, se esta não fosse dissuadida por quatro irracionais acusações, levantadas pelos operosos: 1) o ocioso está fadado a se entregar ao álcool ou às drogas, a romper em atos de violência, estupro e vandalismo; 2) o ócio destrói paulatinamente as comunidades, por meio da difusão de um individualismo de tendência anárquica e narcisista, em que cada um acaba por servir somente a si mesmo, sem se importar com as exigências sociais e os princípios sagrados da solidariedade humana; 3) aos ociosos e aos sindicatos que os protegem são imputados as crises econômicas, o passivo das balanças de pagamentos, as falências das famílias e das empresas, a dispersão dos serviços públicos, as quedas da bolsa; 4) a difusão do ócio cria as condições de uma guerra entre vadios e laboriosos, com a conseqüente possível instauração de regimes autoritários.

Como se vê, por mais sutil, ansiosa e ansiogênica que possa ser a pesquisa de conseqüências negativas deriváveis de uma eventual difusão do ócio, não há nada de catastrófico atribuído a ele que já não tenha sido causado, abundante e frequentemente, pela laboriosidade.

Contra os denegridores do ócio, não existem senão as armas da sabedoria e da ironia. Norman Douglas, que não carecia nem de uma nem de outra, insinuava que o mau uso do ócio provocava os danos mais disparatados, da dor de dentes à calvície.

Em nome da assonância e do conformismo, continua-se a repetir que o ócio é o pai de todos os vícios. Na realidade, foi justamente a classe ociosa – como escreve Bertrand Russell – “que cultivou as artes e descobriu as ciências, que escreveu livros, inventou sistemas filosóficos e refinou as relações sociais. Até a campanha para libertação dos oprimidos partiu, em geral,

do alto. Sem uma classe ociosa, a humanidade não teria, nunca, passado da barbárie”. Sabemos por experiência que uma época de grande ativismo, como aquela da sociedade industrial, provocou guerras e brutalidades de todo gênero. Isso legitima a hipótese de que uma civilização do ócio possa gerar solidariedade mais cortês, introspecção mais serena e convivência mais harmoniosa.

Mas a utilidade do ócio só pode ser atingida plenamente em conexão com a criatividade, isto é, com a principal atividade humana na sociedade pós-industrial. Segundo Max Weber, o operário que trabalhava na “gaiola desumana” que era a fábrica passava as 10 horas de jornada diária à espera do som da sirene, que finalmente o restituía à família e ao tempo livre. E Marx diz que os operários enfraqueciam o seu corpo, destruíam o seu espírito e se sentiam de tal forma estranhos que, tão logo diminuía a coerção, eles fugiam do trabalho como da peste.

Então estar ocioso significava, antes de mais nada, descansar para recuperar as forças, mantendo parado e inútil o corpo, isto é, o equipamento mais caro de que dispunham os empregadores. Assim, ficar ocioso fora do tempo e do lugar permitidos representava um atentado ao capital, isto é, à sociedade e à religião.

Hoje, porém, tanto o trabalho quanto o tempo livre envolvem um investimento, sobretudo, de natureza intelectual, põem em jogo a mente e requerem flexibilidade e inventividade. O empregador não compra mais a força bruta, mas exige pensamento e criatividade. Eis, portanto, o ressurgimento do ócio como fator central da economia moderna. Em um mercado pós-industrial, que consome ideias com a mesma velocidade com que o mercado industrial engolia produtos avidamente e que pressupõe uma criatividade inexaurível, a capacidade criativa só pode ser incrementada por meio de uma reavaliação do ócio que permita regenerar a mente dos criativos, assim como a inércia regenerava o corpo dos operários.

Na atividade criativa, que não tem limites de tempo nem de espaço, empenhando o “trabalhador” 24 horas por dia, o ócio representa aquela espécie de sonolência do espírito durante a qual as intuições levitam pelo inconsciente e vêm se condensar em ideias novas. É o ócio, portanto, que possibilita o necessário distanciamento dos problemas que nos importu-

nam e promove a imersão naquela espécie de limbo da mente onde flutua o plâncton da nossa criatividade.

Que eu saiba, quem assinalou esse mérito do ócio com mais vigor foi Hermann Hesse, em um artigo de 1904 (“A arte dos ociosos”, que anos depois, em 1973, abriria – dando-lhe ainda o título – a sua coletânea de reflexões sobre o tema) no qual denuncia que a atividade industrial, inculcando desde a infância o ideal de um esforço coagido e ansioso, desacreditou e destruiu a arte do ócio, isto é, o pressuposto indispensável para o trabalho intelectual. Por isso, Hesse contrapõe a pressa da nossa fantasia sobrecarregada ao fascínio poderoso da indolência oriental, “vale dizer o ócio desenvolvido, patrocinado e saboreado até se tornar arte”. Hesse afirmou que para “todos aqueles que provam a carência e a necessidade de se sentir viver e crescer, de estar conscientes dos fundamentos das próprias energias e de se construir segundo leis congênitas”, para todos os que, em 1904, podiam se identificar com poucos artistas apenas, mas que hoje são os *milhões de trabalhadores da mente*, “a personalidade não é um luxo, e sim condição existencial, atmosfera vital, capital irrenunciável”. Para esses trabalhadores, a pausa não é um desperdício de tempo, mas a condição essencial para provar e alimentar a si mesmos no ato de construir, compor e criar “para assegurar novos conhecimentos e amadurecer o trabalho inconsciente, em parte para reaproximar-se a cada vez, com fervor desinteressado, do mundo natural, voltando a ser criança, sentindo-se de novo amigos e irmãos da terra, da planta, da rocha e da nuvem”.

Como é possível perceber, estamos a quilômetros de distância do ideal – de trabalhadores, empresários e gestores – até hoje cultivado nas escolas de negócios. Ainda assim, este é o desafio que espera as organizações: formar e valorizar os criativos, livrando-os do infortúnio do estresse e dos perigos opostos de “um trabalho intempestivo e indolente”, ou de “um vazio pensativo e desencorajador”.

Com o *direito ao trabalho*, o homem criou a sua condição industrial; com o *direito ao ócio*, o homem criará a sua condição pós-industrial. Aquele direito ao ócio, que era utópico para os operários da sociedade industrial, finalmente se torna realidade para os trabalhadores intelectuais da sociedade pós-industrial, desde que originados na cultura e na arte do ócio. É

preciso que eles tomem consciência disso, combatam o obscurantismo dos burocratas ultrapassados e dos imperativos alienados, convencendo-se de que a contraposição entre trabalho e ócio já não tem qualquer sentido.

O trabalho criativo também aliena, o criativo também não vive em si, mas nas suas ideias, que são a sua obra de arte. No entanto, entre a obra de arte e o seu criador existe uma simbiose bem mais resistente do que aquela que, de maneira instável, ligava o operário e o empregado ao seu produto feito em série. Enquanto a alienação do trabalhador operacional esvazia, a alienação do trabalhador criativo preenche, completa, transborda. O trabalho operacional pertence à empresa. O trabalho criativo, mesmo quando é vendido à empresa, pertence ao seu autor para sempre. O trabalhador operacional marca sua parte a fim de que possa ser responsabilizado no caso de um eventual defeito; o trabalhador criativo assina a obra a fim de que seus méritos possam ser reconhecidos, para sempre.

Aquilo de que a civilização do ócio não pode abrir mão é o próprio e ininterrupto crescimento cultural. Como concluiria Russell, “uma população que trabalhe pouco, para ser feliz deve ser instruída, e a instrução deve levar em conta as alegrias do espírito, além da utilidade imediata do conhecimento científico.”